

A PAISAGEM NA OBRA DE TERESA POESTER (1989/2007)

Adriane Schrage Wächter¹

O artigo que apresentei é fruto de minha dissertação de mestrado realizado no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) na área de História, Teoria e Crítica de Arte. Em minha dissertação, me concentrei nas relações da paisagem com as obras de Teresa Poester, bem como de outros artistas como Cristina Canale, Gelson Radaelli, Luiz Zerbini e Vânia Mignone. A título de comparação, me utilizei de duas obras destes artistas para relacioná-las às obras de Teresa. Apresento também um histórico da origem da paisagem na história da arte como representação e, também os meios de seu surgimento ligados a questões territoriais.

No artigo desenvolvido para XI Encontro de História da Arte, estabeleci um recorte evidenciando alguns pontos importantes do surgimento da paisagem ligados a ideia de território e a sua imagem, concentrado em aspectos artísticos. A etimologia da palavra paisagem também recebe destaque, para depois apresentar algumas semelhanças e diferenças da obra de Teresa Poester com a obra de Luiz Zerbini, que acontecem na medida em que a trajetória pintura/desenho para desenho/pintura vai se desenvolvendo na obra da artista.

Apenas para evidenciar alguns pontos acerca da discussão com a história da paisagem, evidencio o teórico Javier Maderuelo que trata das questões relativas ao surgimento da paisagem primeiramente na relação com o território e como isso se dá na arte.

Partindo então do que possa vir a ser a paisagem, em seguida destacam-se os locais em que ela esteve presente, com foco para o Brasil, que possui herança europeia, e outros locais, como a China. Javier Maderuelo é de suma importância pois a maior parte dos conceitos e questões utilizadas aqui provém de seu livro, *El paisaje, génesis de un concepto* (2006). A paisagem pode ser entendida através de aspectos territoriais, geográficos, sensitivos, perceptivos e visuais, entre outros, que formarão esse conceito.

O que habitualmente chamamos paisagem é uma construção cultural e não concerne a todos os povos. Pode-se dizer que havia povos “mais paisagísticos” que outros, ou seja, povos que evidenciavam a presença da paisagem por muito tempo, como a cultura chinesa. A vivência com a paisagem lhes proporcionou não apenas a existência dela como conceito, mas também como prática artística.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Licenciatura e Bacharelado em Artes pela Universidade Federal de Pelotas. Mestra em História, Teoria e Crítica de Arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduanda em Museologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Mas antes de me ater aos locais de surgimento da paisagem, é necessário precisar o que é a paisagem. Maderuelo esboça algumas considerações acerca do que é paisagem e do que não é, enfatizando o que pertence à paisagem:

[...] a paisagem não é uma coisa, não é um objeto grande nem um conjunto de objetos configurados pela natureza ou transformados pela ação humana. A paisagem tampouco é a natureza nem sequer o meio físico que nos rodeia ou sobre o que nos situamos. A paisagem é uma construção, uma elaboração mental que os homens realizam através dos fenômenos da cultura. A paisagem, entendido como fenômeno cultural, é uma convenção que varia de uma cultura para outra. Isto nos obriga a fazer o esforço de imaginar como é percebido o mundo em outras culturas, em outras épocas e em outros meios sociais diferentes do nosso.²

O termo paisagem possui diferenças idiomáticas em algumas línguas, aonde *Landschaft* em alemão dará origem a termos como *landskip* em holandês ou *landscape* em inglês. Já de origem latina derivam *paesaggio* em italiano, *paysage* em francês, paisagem em português e *paisaje* em espanhol.

Maderuelo afirma que são possíveis duas abordagens sobre a paisagem: Primeiramente, em relação ao território, ou seja, seu entorno, e à representação de sua imagem. Poderia se pensar em aspectos mais ligados, inicialmente, à relação do homem com o entorno (mais geográfico) e a criação e sua imagem (mais artístico).

O conceito de lugar aparece em referência à paisagem, pelo menos nos termos latinos e anglo-saxões, mas cabe lembrar que este lugar não faz referência a qualquer lugar, como indicam os termos “*aje*” e “*scape*”, pois representa mais do que um simples ou determinado lugar. O significado desse lugar que não é qualquer um; está ligado à sua interpretação e à ligação subjetiva e poética que toda pessoa faz ao ver essa paisagem, ou seja, à sua estética. Segundo Berque, há quatro critérios para considerar a presença do conceito nas civilizações, que são:

Primeiro, que nela se reconheça o uso de uma ou mais palavras para dizer ‘paisagem’, segundo, que exista uma literatura (oral ou escrita) descrevendo paisagens ou contando sua beleza, terceiro, que existam representações pictóricas de paisagens e quarto, que possuam jardins cultivados por prazer.³

A China foi a primeira civilização a possuir um termo específico para designar a paisagem, estando adiantada em relação às outras culturas, pois além de construir a imagem, possuía o conceito próprio e entendia-o com esse significado. A arte romana ficou apenas no plano da imagem, não possuindo um conceito propriamente dito dessa manifestação. Foi necessário esperar até a invenção da perspectiva óptica e a valorização dos fenômenos luminosos e cromáticos em pintura para se contemplar os locais como objeto

² (MADERUELO, p. 17, 2006).

³ (BERQUE (1994) apud MADERUELO, 2006, p. 18)

de prazer estético, criando-se uma cultura do olhar. Para boa parte dos habitantes da África e algumas regiões rurais da América, o conceito ainda hoje é inexistente ou muito fraco.

Muito antes da criação do conceito, a representação da paisagem já estava presente nas civilizações mundo afora. Essas representações se transformaram ao longo do tempo por uma série de fatores e em épocas distintas. Podemos ver em Teresa Poester algumas destas mudanças de ordem pictórica, que se configuram na arte do presente e que subsistem no campo da experimentação contemporânea. Para isso, os artistas Cristina Canale, Gelson Radaelli, Luiz Zerbini e Vânia Mignone são alguns bons exemplos, principalmente na obra de Zerbini, “Gioto”.

As relações da artista com a paisagem se estabelecem desde pequena quando vivia em Bagé.

Teresa Poester nasceu em Bagé, RS em 1954. É artista e professora de desenho no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Porto Alegre. Expõe desde 1979 em diferentes países. Expôs, individualmente, no Brasil, Argentina, Espanha, França e Bélgica. Entre 1986 e 1989, estuda pintura em Madri. Entre 1998 e 2002 habita em Paris onde realiza doutorado na Universidade de Paris. Volta a viver na França, em 2006. Em 2009 retorna suas atividades em Porto Alegre como professoras no IA-UFRGS criando o grupo *atelier d43* que investiga a relação do desenho com outras linguagens artísticas.

O objetivo de trazer Teresa Poester e mais alguns artistas para esta pesquisa está relacionado à questão da multiplicidade de possibilidades artísticas, especialmente na arte do presente. Portanto, meu intuito é antes evidenciar suas diferenças e/ou semelhanças nas obras, no caso, das obras dos outros artistas com as de Teresa e também com eles mesmos, mas sempre pensando que ambas podem representar possibilidades da paisagem na arte do presente.

A fase que escolhi para fazer o recorte das imagens vai de 1989 a 2007. A própria artista delimita essa fase em seu site⁴, que justamente passa da pintura ao desenho. Iniciando em 1989 e se desenvolvendo até 1997, essa fase é ligada mais à pintura, quando são apresentados seus trabalhos inaugurais, mais figurativos e mais delimitados, sendo que dentro dessa fase encontram-se as *Paisagens*, entre 1989 a 1992, as *Janelas*, entre 1992 a 1996; as *Grades*, de 1997 a 2002, os *Jardins de Eragny*, de 2002, *Eragny sur Epte* de 2007 a 2009, com a série continuando em *Jardins de Eragny* de 2009 a 2012, produzidas com canetas bic, e que são seus trabalhos mais recentes, além de outras mídias, como a fotografia e o vídeo. Como aponta a artista, na fase *Paisagens*, “a paisagem marca, neste caso, o início de um processo pictural que, agora como referência de um espaço ainda real, se distancia progressivamente da representação” (POESTER, 2002, p. 79).

Quanto às séries *Grades*, *Jardins de Eragny* e *Eragny sur Epte*, a artista já as aponta como desenhos, sendo *Paisagens* e *Janelas* as únicas séries que ela nomeia como pintura, embora se perceba ao

⁴ Disponível em: http://www.teresapoester.com.br/oeuvres/historique/historique_port.php#1989

longo de seu trabalho entrecruzamentos entre as duas. Portanto, as obras que analisarei compreendem essas séries, e as escolhi pois elas dialogam desenho e pintura em um primeiro momento e depois o desenho-pintura, a mistura de técnicas tão característica do momento atual.

Fronteiras da paisagem: janelas e grades (*Frontières du paysage: fenêtres et grilles*) é o título da tese defendida por Teresa Poester (Université de Paris I, Sorbonne) em julho de 2002. Sua tese compreende as séries *Paisagens*, *Janelas* e *Grades*. A artista dialoga com a pintura e o desenho constantemente, destacando que, em relação à pintura, o embate com o corpo é constante.

Seus trabalhos não delimitam pintura e desenho, muito menos a paisagem. Segundo ela, os trabalhos vão se formando conforme a artista começa a produzir as obras, e cada um pode gerar outro trabalho.

Para iniciar a série *Paisagens*, a artista tomou como partida alguns desenhos realizados nesse local das sacadas e janelas típicas das residências espanholas. Progressivamente a pintura vai se tornando abstrata, a passagem das cores se tornam mais contrastantes e as tonalidades se constituem mais tênues. As marcas do pincel desaparecem em lugar das camadas de tinta que, entrecruzando-se, formam um dégradé. A superfície agora é completamente revestida por uma cor homogênea. Porém, em virtude de seu apego às formas e contornos na composição, mais próprios do desenho, ela resolve se utilizar de novos procedimentos, nascendo assim a série *Janelas*.

Então vem a série *Grades*, que marca o retorno da artista ao desenho. Ela considera a grade como elemento que estrutura e organiza, fragmenta e unifica os elementos da superfície de uma tela. A artista destaca a relação da grade como fronteira, repetição e ritmo. Na primeira relação, a da grade como fronteira e proteção, a ideia de fixar um espaço e se apropriar dele se identifica com os espaços demarcados pela artista nessa série, na qual os quadradinhos têm essa função de delimitar e organizar o espaço na obra que ainda é desconhecido. Em algumas dessas obras da série *Grades*, já é possível encontrar um caminho de abstração, intensificado ao longo da série *Jardins de Eragny* até hoje.

Principalmente na década de 1990, percebe-se a pintura mais figurativa, ao passo que em direção aos anos 2000, sua produção já se constituiu mesmo como um desenho-pintura, como ela gosta de chamar. Nos anos 2000 até sua produção recente de 2013, o uso de mídias como o vídeo, a montagem entre fotografia e desenho, os desenhos-pintura com caneta bic e outros materiais destacam a consonância de experimentações da artista em meio às do período vigente.

(figura 01) As experimentações de Teresa, a partir dos anos 2000, quando já entra em jogo a questão do desenho-pintura, podem ser vistas nessa obra acima, da série *Jardins de Eragny*. Diferentemente das pinturas da fase anterior, que preenchiam toda a tela, esse trabalho é sobre papel e ocupa quase todo o suporte, deixando partes brancas. Aqui já se percebe traços mais característicos do desenho, através das

“folhas” que já estão mais desintegradas, indo em direção à abstração. A vegetação se abre, permitindo traços mais rápidos e precisos, e menos delineados, em favor de apenas uma sugestão de vegetação. E, juntamente com os traços, as cores compõem a cena, ora mais fortes, ora mais fracas, elaborando uma sutileza própria de tons beges e marrons, que se aproximariam mais da pintura.

(figura 02) Na obra “Gioto”, de Luiz Zerbini, a questão do traço advindo do desenho talvez fique mais expressa, como nas linhas ondulares que permeiam a tela, nos detalhes das folhas da árvore, e na precisão de madeiras e janelas, aspecto que pode se relacionar com algumas obras de sua primeira série analisada aqui, as *Paisagens* de Teresa, na qual a mistura de mancha e traço ainda é mais nítida. A questão do recorte da cena, que também me parece ser montada, construída, ainda que menos evidente que a primeira, se diferencia das questões de Teresa Poester, já que a artista coloca frequentemente a imagem toda na obra. Suas paisagens contêm a cena toda dentro dos limites do papel, enquanto que, nessa obra de Luiz Zerbini, podemos perceber que a imagem se estende nas beiradas.



Figura 01. Teresa Poester, da *Série Jardins de Eragny*, Paris, 2002, técnica mista sobre papel, 150 x 150 cm.

Fonte: Arquivo Pessoal da Artista.



Figura 02. Luiz Zerbini. *Gioto*. Acrílica sobre tela. 195 x 190 cm. Col. Particular.

Referências Bibliográficas

MADERUELO, Javier. *El paisaje. Génesis de um concepto*. Madrid: Abada Editores, 2006.

POESTER, Teresa. *Fronteiras da paisagem: janelas e grades (Frontières du paysage: fenêtres et grilles)*. 2002. 300 f. Tese (Tese em Artes Visuais). Université de Paris I, Sorbonne. UFR D'Arts Plastiques et Sciences de L'Art, Paris, 2002.

http://www.teresapoester.com.br/oeuvres/historique/historique_port.php#1989